

Nota do organizador: Trabalho apresentado por Vera Lúcia Ferreira, do CPC de Belo Horizonte, no 1º Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular (Recife, set. 1963).

Cultura Popular e Alfabetização: modos de atuação na zona urbana e suburbana

I. Papel da cultura Popular

A vida brasileira de nossa época, vivamente marcada por séculos de colonialismo alienado, ressentido hoje mais do que nunca a necessidade de que o homem brasileiro assuma cada vez mais a sua posição dentro da realidade histórica e cultural que chamamos Brasil.

E quando dizemos o homem brasileiro por isto entendemos 70 milhões de indivíduos que formam o povo brasileiro. Este é pois, o papel da cultura popular: levar a estes homens a consciência de que são eles que devem guiar o seu país e não apenas a minoria burguesa que hoje conduz o país segundo seus interesses. E é de seu interesse manter todo o povo numa situação de ignorância, situação de cegueira, numa situação de inconsciência. Porque se os olhos destes homens se abrirem eles verão o que os mantêm subjugados, que os mantêm subjugados e porque estão subjugados. E estará aberto o caminho para a Revolução Brasileira.

II. Papel da Alfabetização dentro da Cultura Popular

O homem na sua dura e longa luta pela dominação da natureza e pela construção do mundo humano, estabelece usos e convenções que nos são transmitidos de geração em geração. Uma destas conquistas, que hoje são uma herança cultural da humanidade, é a palavra escrita. Conquista do homem para a comunicação eficaz de todos os homens. Conquista do homem para que os seus irmãos de todos os séculos possam se entender melhor. Como explicar pois, que exista um interesse em manter no mundo áreas inteiras nas quais os indivíduos não possam participar do que é seu?

Só poderíamos afirmar que é um menosprezo, mais do que isto, é uma escravização do homem.

Mas isto no setor da Cultura, nós o sabemos, é apenas uma conseqüência de uma escravização maior, quando se nega a um povo a liberdade de viver dignamente:

- Camponês escravizado pelo latifúndio;
- Operários escravizados por um salário que é um roubo de suas energias e de seu trabalho;
- Povo subdesenvolvido escravizado pelo capitalismo.

III. Cultura Popular e Alfabetização como meio de levar o indivíduo a participar da vida brasileira

É nesta perspectiva que colocamos a Cultura Popular: é o meio com o qual contamos nós, sinais de contradição dentro de uma estrutura capitalista para libertamos

nosso povo do jugo que está submetido. Achamos que não podemos continuar impedindo o acesso de todos os brasileiros à cultura, e a uma cultura que tem como característica importante o fato de ser uma cultura letrada.

Cultura Popular e Alfabetização andam juntas e estão para nós na base mesma da bandeira pela qual vivemos e lutamos: A revolução Brasileira.

IV. Modos de Atuação

Nesta perspectiva nos situamos e para ele procuramos orientar todas as nossas atividades. Nossas experiências se restringem à zona urbana e suburbana. Como grupo do CPC temos já alguns relatos que talvez possam ajudar aos outros grupos, não como sucessos conseguidos, mas como tentativas, bem sucedidas ou não, mas que consideramos caminho percorrido.

1ª fase:

- Tentativa de penetração e integração com o meio operário e favelado.

As favelas em Belo Horizonte são formadas por 70 mil famílias de operários e desempregados. No nível do desemprego que ainda não pode ser considerado alto, cresce a cada dia. Caracterizam-se por sua inconsciência diante de seus problemas tendo mentalidade pequeno-burguesa. Neste meio o qual mostramos apenas o esboço, procuramos penetrar aproveitando para isso uma organização peculiar que funciona em cada favela que é a união de defesa coletiva. Fundada inicialmente pelo Pe. Lago, hoje funciona em quase todas as favelas como meio de congregar os operários em torno das reivindicações comuns, principalmente a do direito de possuir um teto onde se abrigar o qual infelizmente não podemos chamar uma casa, porque não corresponderia a idéia que temos de casa. Tendo esta função de lutar pelos direitos mais fundamentais a todo indivíduo a U.D.C. tem por isso mesmo uma função politizante.

Nosso trabalho se orientou, pois, no sentido de apoiar as U.D.C. atuando por meio delas em toda a comunidade. Isto se deu do seguinte modo:

1ª Campanha de alfabetização de adultos. Teria os seguintes objetivos:

- Alfabetização seguida de politização;
- Adoção em maior escala de uma cartilha editada por nós.

Em primeiro lugar salientamos que foram feitos vários cursos preparatórios para os futuros alfabetizadores, mas embora a frequência inicial desses cursos tenha sido boa, quando partimos para o trabalho efetivo sentimos uma enorme carência de material humano.

Segundo uma posterior análise crítica isso se deveu a dois fatores: 1º falta do planejamento, isto significa que não contamos com levantamento do meio social em que íamos trabalhar, qual seria o número de analfabetos e qual seria o método indicado para eliminar totalmente esse analfabetismo? 2º a não profissionalização dos membros do CPC que trabalhariam segundo sua “boa vontade”. Ora, pela experiência que temos, podemos afirmar que é impossível conseguirmos continuidade no trabalho não tendo elementos

profissionalizados, que não dêem ao trabalho de Cultura Popular apenas as suas horas vagas.

Por isso salientamos a importância de convênios com Órgãos Competentes ou mesmo com o governo estadual; pois devemos aproveitar desta estrutura capitalista que vivemos os meios que mostraram a sua contradição.

Concluindo diremos que uma campanha de alfabetização de adultos deve contar com os seguintes fatores:

2ª fase:

- Mobilização de pessoal e sua profissionalização;

Planejamento concreto desde o levantamento do meio onde vai atuar até o levantamento de verbas a escolha de um método que nos possibilite a sua realização.

- Teatro de esquetes como politização nas favelas.

Um trabalho que consideramos mais profícuo como politização é a realização das vilas por ocasiões de festas locais ou por solicitação da União de Defesa Coletiva de pequenas peças e esquetes que são vividas intensamente pela assistência e atuam assim como meio de conscientização dos mais eficazes.

Assim, levamos na posse da diretoria de uma das vilas uma encenação curta de trechos de "Revolução na América do Sul". Sentimos com esta e outras apresentações que seria uma oportunidade a ser aproveitada para debates com povo, mas não o fizemos por falta de técnica de discussão, isto é, um método.

Também as assembléias que realizamos em uma das vilas é uma experiência que deve ser rompida. Levamos até eles deputados e vereadores do povo para que se iniciasse um debate fora da época das eleições, nos quais os representantes do povo na câmara, soubessem quem estão representando e iniciar com isso um diálogo construtivo e crítico.

- Atuação junto aos sindicatos.

Atendendo às solicitações dos sindicatos dos marceneiros, elaboramos cursos de politização que seriam seguidos por debates com os operários. Mas esses debates se recentem da falta de métodos, de direção das discussões para que se tirassem delas um proveito maior.

Conclusões:

Essa primeira fase nos mostrou que corremos o perigo, se nos tornarmos impositores: Nós os privilegiados estaríamos ensinando a incultos e analfabetos; ora isso não corresponde à nossa perspectiva inicial diante da qual os indivíduos devem ser levados a uma consciência crítica cada vez maior e nos parece uma limitação aos nossos padrões.

Uma outra conclusão é que os métodos de alfabetização por meio de cartilha obedecem a mesma linha de imposição: o texto está pronto, a atitude que se espera do indivíduo é que ele receba esta (apreciação) alfabetização. E por isto uma atitude passiva que tem como premissa: nós somos os possuidores da verdade que assim é imposta a eles.

Diante destas conclusões sentimos vivamente a necessidade de um método que corresponda a essas sugestões de respeito à capacidade de pensar do indivíduo, do apelo a esta capacidade no sentido de que ela pode se desenvolver e se tornar reflexiva e crítica.

Perspectiva futura

O método que nos parece indicado é o método de debate com o povo por meio dos círculos de cultura. Isso só poderá ser feito concretamente de estabelecermos convênios com órgãos que possam financiar essa experiência.

Todos trabalhos de Cultura Popular se incluiriam nos círculos de cultura porque não só a alfabetização é visada, mas antes de tudo a conscientização. Os círculos de cultura possibilitariam a encenação de peças não só para os seus membros, mas para toda a comunidade.

Não se faria a divisão tão marcada entre a alfabetização e cultura popular, pois a visão que colocamos inicialmente é da prioridade da conscientização, mas na qual alfabetização tem importante papel.